



Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional
de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

ECPC LVT

março | 2026

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsionial, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.



Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No Oeste, as temperaturas máximas apresentaram bastante variabilidade nas três primeiras semanas, com registo de oscilações diárias por vezes acentuadas, e uma tendência de subida das temperaturas a partir de meados do mês. Enquanto a primeira quinzena registou frequentemente temperaturas máximas inferiores ao normal para a época, a segunda quinzena, pelo contrário, registou principalmente valores diários superiores ao normal para a época. As temperaturas mínimas também apresentaram bastante variabilidade, principalmente até ao dia 18, com registo de oscilações diárias por vezes bastante acentuadas. A partir desse dia e até ao final do mês, verificou-se uma descida consecutiva dos valores mínimos. Embora a maior parte dos registos apresentem ao longo do mês valores superiores ao normal para a época, mais ou menos significativos, verificaram-se diversos períodos de arrefecimento noturno mais acentuado, que ocorreram principalmente nos primeiros e últimos dias e a meio do mês, com temperaturas mínimas inferiores ao normal para a época. Durante o mês não foi significativa a contabilização de horas de frio (ou seja, inferiores a 7,2°C acumuladas desde 1 de outubro) necessárias ao desempenho das principais espécies fruteiras cultivadas na região. As amplitudes térmicas diárias também apresentaram variabilidade ao longo do mês, tendo sido bastante reduzidas nuns dias e acentuadas noutros, com o valor mais expressivo de 21,8°C registado no dia 31 na estação de Torres Vedras/Dois Portos.

Os dias decorreram mais nebulosos na primeira metade do mês, principalmente com céu muito nublado ou com períodos de muita nebulosidade, e com mais luz na

segunda metade, verificando-se dias frequentes de céu pouco nublado ou limpo, embora também tenham decorrido alguns dias de céu muito nublado. Houve formação de neblina ou nevoeiro em alguns dias, mais concentrados na segunda semana.

O vento apresentou-se geralmente com uma intensidade fraca a moderada, registando-se por vezes forte junto ao litoral, principalmente nas duas primeiras semanas e na última.

A precipitação durante o mês foi próxima ou ligeiramente superior aos valores normais para a época. Ocorreu com alguma frequência até ao dia 21, em forma de períodos de chuva ou aguaceiros, por vezes fracos, e em quantidades moderadas, com exceção do dia 19, que registou valores significativos nas três estações meteorológicas.

Com menor precipitação, subida das temperaturas diurnas e dias de sol e vento, registou-se uma diminuição do teor de água no solo, verificando-se situações diversas no final do mês. Nos concelhos da Nazaré e Alcobaça predominava o índice CC [41, 60], com áreas menores ainda no índice CC [61, 80]. Nos concelhos de Caldas da Rainha e de Óbidos predominava o índice CC [41, 60] com algumas áreas já no índice CC [21, 40]. O concelho de Peniche situava-se totalmente no índice CC [21, 40]. Os concelhos do Bombarral, Cadaval, Sobral de Monte Agraço e Arruda dos Vinhos situavam-se no índice CC [41, 60]. O concelho da Lourinhã situava-se maioritariamente no índice CC [21, 40] com pequenas áreas nos índices CC [61, 80] e CC [41, 60]. Nos concelhos de Torres Vedras e Alenquer predominava o índice CC [61, 80] com áreas menores no índice CC [41, 60].

Houve uma boa disponibilidade hídrica para o abeberamento de animais e para as culturas instaladas. Nas linhas de água superficiais observou-se uma diminuição nos caudais, que, no entanto, ainda apresentavam uma boa afluência, um pouco superior ao normal para a época.

Os volumes de reservas hídricas em armazenamento mantiveram-se semelhantes ao mês anterior, em níveis elevados, por vezes quase à capacidade máxima. As reservas de água subterrâneas continuaram a apresentar níveis superiores ao normal para a época.

Com a recuperação das condições de circulação de máquinas na maior parte dos terrenos, durante o mês ainda foram realizadas algumas sementeiras de azevém, de trigo mole e de cevada, apesar da instalação destas culturas ocorrer já muito fora do ciclo natural.

Nas vinhas, foram concluídas as podas, já muito atrasadas. As condições de temperatura e humidade aumentaram o risco de desenvolvimento de doenças causadas por fungos, situação que terá de ser acautelada com tratamentos preventivos. A subida das temperaturas diurnas e as boas reservas de água disponíveis no solo favoreceram o início do novo ciclo vegetativo, com uma boa resposta das plantas.

Nas prunóideas, as temperaturas baixas e a precipitação a meio do mês, prejudicaram o vingamento dos frutos.

Nas pomóideas, com a elevada precipitação durante os meses de inverno, muitos pomares localizados em zonas baixas ficaram alagados e em situação de asfixia radicular durante um período longo. Embora a condição de encharcamento dos pomares tenha melhorado substancialmente durante o mês, a exposição prolongada dos sistemas radiculares a níveis baixos de oxigénio (hipoxia), poderá vir a causar a morte de um número considerável de árvores, principalmente de macieiras, além de distúrbios fisiológicos e metabólicos, influenciando negativamente o vigor dos pomares, o vingamento e a qualidade dos frutos. A precipitação frequente no início do mês atrasou as podas. A fertilização também se atrasou pela impossibilidade dos tratores e alfaias agrícolas entrarem atempadamente nos pomares. Devido às reservas de água no solo, com a melhoria das condições meteorológicas observou-se um desenvolvimento rápido do ciclo vegetativo dos pomares

e uma antecipação nas fases de floração, associada às temperaturas diurnas elevadas.

Os pomares de limão encontravam-se a recuperar dos danos causados pela depressão Kristin. A subida das temperaturas diurnas e dias com mais luz foram favoráveis para o desenvolvimento de novos gomos foliares e de botões florais. No entanto, o vento e as temperaturas noturnas baixas limitaram o ritmo dos novos desenvolvimentos.

No olival, as temperaturas amenas, os dias com mais luz e a boa disponibilidade hídrica dos solos foram favoráveis para a diferenciação dos gomos axilares (processo fisiológico determinante para a capacidade produtiva da oliveira) e formação das inflorescências. O aumento rápido das temperaturas diurnas associado a níveis elevados de humidade relativa do ar, foram propícios ao surgimento de doenças fúngicas.

Apesar da melhoria das condições meteorológicas, uma parte dos campos de cultivo de arroz continuava sem condições para o início da preparação dos canteiros, que habitualmente se realiza em março ou abril, para a instalação da cultura. Os campos de cultivo em causa, continuavam a registar problemas de inundação com a variação das marés devido ao rombo de diques de proteção no rio Tejo e no rio Alenquer, que se encontravam ainda por reparar.

As condições meteorológicas, que se refletiram na diminuição do teor de água no solo, permitiram realizar boa parte das plantações de batata no sistema de sequeiro e de regadio, embora no final do mês as operações agrícolas para a instalação da cultura ainda não fossem possíveis em alguns solos.

Até ao fim da primeira semana a precipitação regular associada às reservas de água no solo dos meses anteriores, limitou fortemente a realização de novas sementeiras e plantações de hortícolas de ar livre, situação que se alterou a partir da segunda semana, tendo as mesmas decorrido com regularidade até ao final do mês. Nas couves em colheita, a produção foi

menor devido a uma parte significativa da cultura ter sido danificada pelas condições do tempo e ter ficado sem qualidade comercial. Além das perdas de produção, as couves colhidas apresentaram em geral uma qualidade média, com um desenvolvimento inferior ao normal e menos peso. Com a menor disponibilidade de produto no mercado, os preços na produção foram mais elevados. Nas cenouras, houve menos produção devido a perdas elevadas no campo e incerteza na qualidade da produção por colher. Na produção colhida as produtividades mantiveram-se baixas e com fraca qualidade devido a problemas de podridão, presença de nemátodos causadores de deformações e menor desenvolvimento (cenouras curtas). Com menos disponibilidade de produto nacional, os preços na produção foram elevados no início do mês. A incerteza em relação às condições e qualidade do produto por colher levaram à importação de grande quantidade de cenoura, principalmente da Holanda, mas também de Israel e de Espanha, provocando uma descida de preço na produção. No final do mês o mercado já tinha absorvido a produção importada e comercializava-se principalmente cenoura nacional.

Nas culturas de hortícolas em estufa, as condições do tempo, com exceção dos arrefecimentos noturnos acentuados, foram favoráveis ao seu desenvolvimento, designadamente a diminuição da precipitação e menor humidade do ar, frequência de dias com mais luz e aumento das temperaturas diurnas. As culturas de tomate, feijão-verde, courgette e pepino encontravam-se ligeiramente atrasadas para a época devido à baixa luminosidade dos meses anteriores.

No **Médio Tejo**, as temperaturas máximas apresentaram uma grande variação ao longo do mês, registando-se um aumento mais acentuado e com alguma estabilidade na última semana. As temperaturas mínimas apresentaram, embora de forma menos acentuada, também alguma variação ao longo do mês, verificando-se na última semana uma descida acentuada. Comparativamente aos valores normais para a época, constatou-se a

temperatura máxima, muito superior e a temperatura mínima inferior, de acordo com os registos da estação meteorológica de Alvega. As amplitudes térmicas denotaram alguma variabilidade ao longo do mês, com valores médios de 13,5°C e de 14,4°C, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Valdonas e de Alvega. No final do mês em ambas as estações meteorológicas registaram-se acréscimos consideráveis do número de horas de frio face ao mês anterior.

Na primeira metade do mês, os dias estiveram predominantemente com o céu muito nublado ou com períodos de muita nebulosidade enquanto na segunda metade, estiveram essencialmente pouco nublados ou limpos. A meio do mês verificou-se a formação de neblina ou nevoeiro.

Relativamente ao vento, este soprou essencialmente fraco a moderado.

A precipitação acumulada no final do mês verificou-se abaixo do normal para a época, tendo ocorrido essencialmente períodos de chuva ou aguaceiros nos primeiros vinte dias, de forma frequente e pouca intensa, com exceção do dia 19, em que se registou chuva com maior intensidade.

Com a menor precipitação e temperaturas mais altas, no final do mês o teor de água no solo diminuiu em toda a região. Assim, nos concelhos de Alcanena e Torres Novas o teor de água no solo situava-se maioritariamente no índice CC [41, 60]. Nos concelhos de Ferreira do Zêzere e Mação distribuía-se entre os índices CC [41, 60] e CC [21, 40]. Nos concelhos do Entroncamento, Constância e Vila Nova da Barquinha o teor de água no solo situava-se na totalidade no índice CC [21, 40]. Nos concelhos de Abrantes, Ourém e Tomar situava-se maioritariamente no índice CC [21, 40], com algumas manchas nos índices CC [41, 60] e CC [11, 20]. No concelho do Sardoal predominava o índice CC [11, 20].

Na região, as reservas de água superficiais e subterrâneas mantinham níveis de armazenamento

acima do normal para a época. Verificou-se uma boa disponibilidade de água para as necessidades das culturas e para o abeberamento das espécies pecuárias.

Quanto à influência do tempo nas culturas, com a melhoria das condições climáticas em março foi possível retomar de forma regular as atividades agrícolas, mais focadas nesta fase na preparação dos terrenos para a instalação das culturas de primavera-verão. Ainda assim, em algumas zonas mais baixas persistia o encharcamento dos solos, condicionando algumas operações.

As sementeiras de cereais praganosos pouco evoluíram comparativamente ao mês anterior, uma vez que era já muito tarde para a instalação destas culturas. No entanto, na região foi ainda possível realizar algumas sementeiras de cevada.

Nas oliveiras, o rápido aumento da temperatura diária, que sucedeu o inverno húmido longo e rigoroso, associado à elevada humidade relativa do ar, favoreceu na primeira semana do mês, a queda fisiológica das folhas, processo natural de abscisão das folhas velhas, danificadas ou desnecessárias para a sua sobrevivência, processo que promoveu a economia de nutrientes, o reequilíbrio hormonal e a sanidade das oliveiras.

As temperaturas mais altas induziram ao crescimento vegetativo das pastagens, encontrando-se as mesmas com muito vigor e inclusive muitas das plantas já se encontravam a iniciar a fase reprodutiva, precocemente ao habitual. A melhoria das condições climáticas permitiu o pastoreio às espécies pecuárias em regime extensivo. Em algumas áreas ocupadas com culturas forrageiras, designadamente de luzerna e azevém, que permaneceram submersas (zonas mais baixas) durante muito tempo, as plantas não conseguiram recuperar da situação de asfixia radicular a que estiveram sujeitas, resultando em perdas muito significativas das culturas.

A instalação da ervilha para indústria, que teve de ser adiada devido às condições climáticas desfavoráveis registadas nos meses anteriores, pôde ser efetuada no

início de março. No final do mês, a cultura apresentava um crescimento vegetativo uniforme, com plantas de aproximadamente 3 cm de altura.

Nas vinhas, a precipitação acumulada ao longo dos meses anteriores, com níveis muito superiores ao normal, terá um forte impacto no decorrer do ano, sobretudo no controlo da cobertura vegetal com práticas de proteção de solos (não mobilização do solo nas entrelinhas). As condições adversas ocorridas em consequência da depressão Kristin causaram enormes prejuízos com a queda de árvores (pinheiros, carvalhos, sobreiros, choupos, azinheiras) para cima das vinhas, havendo dezenas de cabeceiras e cepas afetadas e arames partidos. O excesso de chuva e a depressão atrasaram significativamente os trabalhos agrícolas. A poda só agora se encontrava a terminar (com muito atraso), faltando ainda a empa das vinhas velhas (as novas já foram empadas) e o conserto dos arames e postes, entre outros arranjos. Foi ainda possível dar continuidade às aplicações de adubo e espalhamento de matéria orgânica, aplicação de herbicidas e controlo de infestantes herbáceas (corte).

Na **Lezíria do Tejo** e **Baixo Sorraia**, as temperaturas máximas nas três primeiras semanas apresentaram-se muito variáveis e com frequência registaram valores inferiores ao normal para a época. Na última semana verificou-se uma subida acentuada com um padrão de maior estabilidade que permaneceu até ao final do mês, período em que se mantiveram superiores ao normal para a época. As temperaturas mínimas apresentaram ainda maior instabilidade, que se verificou ao longo de todo o mês e de forma mais significativa na estação de Coruche. O valor médio da temperatura mínima foi próximo do normal para a época. No entanto, registaram-se dias com valores mínimos elevados e outros com valores baixos. Na última semana registou-se uma tendência de descida das temperaturas mínimas, mais acentuada na estação de Coruche, com registo de valores bastante inferiores ao normal para a época.

No final do mês registou-se um acréscimo do número de horas de frio acumuladas, que foi pouco significativo na estação de Santarém e com maior expressão na estação de Coruche. Ao longo do mês houve uma grande variação das amplitudes térmicas diárias, com alternância de amplitudes elevadas e outras pouco significativas. Na última semana registaram-se os valores mais elevados no dia 31, designadamente de 18,4°C na estação de Santarém e 22,9°C na estação de Coruche.

O mês decorreu principalmente com céu muito nublado ou com períodos de maior nebulosidade, durante a primeira quinzena, e na segunda metade do mês o céu apresentou-se essencialmente pouco nublado ou limpo. Ocorreu formação de neblina ou nevoeiro, de forma mais concentrada em meados do mês.

O vento foi predominantemente fraco a moderado ao longo de todo o mês.

Até ao dia 20 ocorreram com regularidade períodos de chuva ou aguaceiros, de intensidade moderada e pontualmente acompanhados de trovoadas. Excepcionalmente, no dia 19 verificou-se precipitação de maior intensidade. Os valores acumulados no final do mês foram próximos dos normais para a época.

Com a melhoria das condições meteorológicas e menor precipitação, no final do mês o teor de água no solo tinha diminuído em toda a região. No Baixo Sorraia os solos apresentavam-se maioritariamente no índice CC [41, 60], verificando-se algumas áreas ainda no índice [61, 80] nos concelhos de Salvaterra de Magos e Benavente e outras áreas já no índice CC [21, 40] no concelho de Coruche. Na Lezíria do Tejo, o teor de água no solo, nos concelhos da Golegã, Chamusca e Almeirim, situava-se maioritariamente no índice CC [21, 40]. No concelho de Santarém o teor de água no solo distribuía-se entre os índices CC [61, 80] e CC [41, 60]. O concelho de Rio Maior situava-se no índice CC [41, 60]. O concelho da Azambuja distribuía-se entre os índices CC [81, 99], CC [61, 80] e CC [41, 60]. O concelho do Cartaxo situava-se maioritariamente no índice CC [61, 80].

As reservas de água superficiais e subterrâneas mantinham níveis de armazenamento acima do normal para a época. Verificou-se uma boa disponibilidade hídrica para o abeberamento de animais e para as necessidades das culturas.

Quanto à influência do tempo nas culturas, a melhoria das condições climatéricas permitiu progressivamente retomar as operações agrícolas no campo, embora nalgumas zonas mais baixas os solos ainda se mantivessem encharcados.

Apesar da melhoria das condições do tempo, as sementeiras de cereais praganosos praticamente não evoluíram pelo facto de ser já muito tarde para a instalação destas culturas.

A melhoria das condições climatéricas ao longo do mês permitiu uma progressiva recuperação das pastagens. No entanto, nas zonas mais baixas ainda havia pastagens alagadas ou sem condições de pastoreio ou de entrada de máquinas para a realização de adubações de cobertura. Nas culturas forrageiras anuais foi possível a realização de cortes nalgumas áreas, enquanto noutras as operações continuavam adiadas devido ao excesso de água ainda existente no solo.

Nas vinhas para vinho, as cheias ocorridas no mês anterior causaram danos estruturais em algumas parcelas. A força da água e a acumulação de resíduos causaram aluimentos de terra, arrancaram videiras e destruíram sistemas de suporte. No final de março ainda havia condicionamentos na transitabilidade de máquinas. A necessidade de limpeza de resíduos (restolhos de milho, jacintos de água, fitas de rega, entre outros) e o inverno chuvoso, atrasaram a conclusão das podas que era urgente realizar antes do abrolhamento. Contudo, as mesmas prolongaram-se até à segunda semana de março, em alguns casos já com a vinha abrolhada. As fertilizações minerais também se encontravam atrasadas devido à priorização de outras operações mais emergentes e à saturação do solo.

Nas vinhas para uva de mesa, a precipitação ocorrida durante o mês e a água ainda presente nos solos dificultou o acesso às parcelas para a realização de tratamentos preventivos.

Nos citrinos, designadamente na laranja, as condições climáticas foram favoráveis ao desenvolvimento da cultura na fase pós colheita e permitiram a realização de podas de limpeza, essencialmente de ladrões e ramos velhos e secos. Permitiu também a aplicação de fertilizantes de fundo.

No olival, as últimas semanas permitiram concluir os trabalhos de poda, atrasados pelas chuvas persistentes dos meses anteriores.

Na cultura da batata, a melhoria das condições do tempo permitiu a realização das plantações, que decorreram a bom ritmo, encontrando-se já muita área instalada no final do mês.

As condições do tempo mais favoráveis durante o mês possibilitaram a recuperação das operações de preparação da campanha das culturas de primavera-verão, antevendo-se um atraso menor do que o previsto anteriormente. Na cultura de melão, foram iniciadas as práticas agrícolas de preparação do solo para a instalação da cultura, que se prevê iniciar durante o próximo mês.

Na **Grande Lisboa**, ao longo do mês a caracterização agrometeorológica evidenciou um comportamento térmico próximo do normal para a época, com dias amenos e acentuado arrefecimento noturno. A partir de meados do mês a temperatura máxima do ar registou valores superiores ao normal para a época, embora, na maioria dos dias, se tenha mantido muito próxima do valor padrão de referência. Relativamente à temperatura mínima, verificou-se um valor inferior ao normal climatológico, mas, na grande maioria dos dias, as mínimas diárias situaram-se acima do valor normal. As maiores amplitudes térmicas diárias — entendidas como a diferença entre a temperatura máxima e mínima

registadas no mesmo dia — atingiram 10,1°C, 10,6°C, 10,7°C e 11,5°C nos dias 1, 12, 16 e 17, respetivamente.

Os dias foram maioritariamente nebulados e com formação de neblina em alguns locais da faixa costeira e junto ao rio Tejo até dia 20, apresentando-se a partir dessa data e até ao final do mês pouco nublados ou limpos.

Na maior parte dos dias o vento foi moderado a forte (30 a 50km/h) e por vezes com rajadas até cerca de 70 km/h.

Relativamente à precipitação, o mês foi pouco chuvoso, não atingindo o valor normal para a época.

A humidade relativa diária foi inferior à registada no mês anterior.

No que se refere aos valores do teor de água no solo, no final do mês a maioria dos concelhos da região encontravam-se no índice CC [61, 80], à exceção de Mafra que no interior estava no índice CC [41, 60] e no litoral maioritariamente no índice CC [61, 80], Vila Franca de Xira que a norte tinha uma mancha no índice CC [81, 99] e a sul no índice CC [61, 80] e Lisboa que estava no índice CC [41, 60].

As linhas de água mantiveram o registo de caudais elevados, assim como os níveis de armazenamento hídrico, quer em massas de água superficiais (albufeiras e reservatórios), quer em aquíferos. Registou-se uma boa disponibilidade de água para o abeberamento das espécies pecuárias.

Relativamente à influência das condições meteorológicas na atividade agrícola, o mês foi marcado por temperaturas globalmente amenas e um elevado teor de humidade no solo, o que contribuiu não só para o desenvolvimento vegetativo da maioria das culturas, mas também para o surgimento de alguns problemas fitossanitários, como mais adiante se descrevem. A intensa precipitação e tempestades ocorridas no inverno conduziram à saturação hídrica de numerosos solos, originando danos em infraestruturas agrícolas e condicionando o calendário das operações culturais,

que se encontravam em fase de recuperação com um ritmo mais acelerado.

Na **Península de Setúbal**, verificaram-se oscilações das temperaturas máximas e em geral abaixo do valor normal para a época, nas três primeiras semanas. Na última semana verificou-se uma tendência crescente e acima do normal para a época. As temperaturas mínimas tiveram um comportamento mais regular ao longo do mês, pontualmente próximas do normal para a época e frequentemente acima do normal desse valor. As maiores amplitudes térmicas foram registadas em meados e no final do mês (17,1°C no dia 17 na estação de Pegões). As menores amplitudes térmicas observaram-se no início e em meados do mês (4,5°C no dia 19 na mesma estação). No final do mês as horas de frio acumuladas, comparativamente ao registado no ano transato e à semelhança do verificado nos dois meses anteriores, atingiram valores inferiores na estação de Setúbal e superiores na de Pegões.

Os dias decorreram com céu muito nublado nas três primeiras semanas. Na última semana esteve em geral pouco nublado ou limpo. Verificaram-se pontualmente situações de neblina ou nevoeiro matinal.

O vento soprou em geral fraco a moderado, pontualmente forte na primeira semana.

Ocorreu precipitação principalmente na terceira semana, sobre a forma de aguaceiros por vezes fortes e acompanhados de trovoadas. O total de precipitação mensal foi cerca de 90% do valor normal para a época.

A humidade relativa do ar foi inferior à registada no mês anterior, com valores mais baixos na última semana.

O teor de água no solo registou decréscimo significativo relativamente ao mês anterior. No final de março, a maior parte dos solos encontravam-se no índice CC [41, 60]. Nos concelhos de Sesimbra, Seixal, Almada e em parte do concelho de Setúbal, os valores situavam-se no índice CC [21, 40]. Comparativamente a igual período do ano anterior, em toda a região os solos encontravam-se

à capacidade de campo, pelo que a saturação e encharcamento dos solos era superior.

Continuaram a verificar-se condições favoráveis de aprovisionamento de água nas barragens e aquíferos subterrâneos, bem como disponibilidade nos cursos superficiais e nos solos.

Face à situação hídrica favorável, não se verificaram constrangimentos para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo nas culturas, as condições verificadas, de temperaturas mais elevadas, menores quantidades de precipitação e ventos moderados, permitiram que ocorresse maior secagem dos solos. Estas circunstâncias possibilitaram a circulação de maquinaria agrícola nos terrenos, sendo retomados os trabalhos no campo, nomeadamente a nível de controlo de infestantes, tratamentos fitossanitários, adubações, podas, preparação dos solos para instalação de novas culturas, bem como cortes de culturas forrageiras.

As sementeiras de consociações, de culturas forrageiras, de cereais praganosos de outono-inverno, que se efetuaram em reduzida quantidade na altura própria, devido às condições meteorológicas adversas verificadas, neste mês eram já tardias, pelo que não se registou praticamente incremento das áreas semeadas.

No que se refere às vinhas, o mês foi propício à realização das intervenções necessárias, nomeadamente a realização de podas que ainda estavam atrasadas, tratamentos fitossanitários, aplicação de herbicidas e adubações. As condições favoráveis de dias mais longos, temperaturas elevadas e bom aprovisionamento de água no solo favoreceram o desenvolvimento vegetativo da vinha. Existe o receio de ocorrência de episódios de granizo durante o mês de abril, com possíveis consequências na vinha já abrolhada e em desenvolvimento vegetativo e consequentemente na produção.

Relativamente às fruteiras, os trabalhos de fertilização sofreram atrasos por causa da elevada precipitação, o que será equilibrado, nomeadamente com fertirrega.

No que respeita às tangerineiras, o aumento relevante da temperatura promoveu o desenvolvimento vegetativo das árvores, bem como a floração.

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos de todas as estações da região.



Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal

Oeste

Na vinha para vinho, a subida das temperaturas diurnas e a humidade elevada devido à precipitação e reservas de água no solo, aumentaram o risco de surgimento de doenças causadas por fungos, como a escoriose. O risco foi agravado pela impossibilidade ou dificuldade de realização de tratamentos em tempo útil, devido ao encharcamento dos solos que ainda se verificava, causado pela elevada precipitação durante os meses de inverno. O período de maior sensibilidade da vinha para o desenvolvimento de escoriose, que ataca órgãos herbáceos e lenhosos da videira, causando necrose, desavinho e quebra de produção, e no limite, perda de plantas, ocorre no início do ciclo produtivo com o rebentamento de novos desenvolvimentos foliares. O risco de infeção aumenta com primaveras chuvosas e temperaturas amenas. O controlo de infestantes também se apresentou bastante deficiente, condicionado pela dificuldade de circulação de máquinas agrícolas. Na vinha para uva de mesa, as condições meteorológicas dos meses anteriores limitaram a realização de tratamentos preventivos de doenças fúngicas, como a escoriose, *Botrytis* e míldio.

Devido à grande disponibilidade de água no solo e os dias a registarem temperaturas amenas, durante o mês verificou-se um risco muito elevado de infeções nas vinhas em variedades precoces, já com desenvolvimento foliar e com formação inicial de cachos. Com a melhoria das condições meteorológicas, a possibilidade de circulação de máquinas foi recuperada numa parte das vinhas, permitindo a realização de tratamentos durante o mês, que se revelaram eficazes. Não foi identificada a incidência de pragas.

Os pomares de pomóideas onde não foi possível a realização atempada dos tratamentos fitossanitários de inverno em resultado do excesso de água no solo, apresentavam-se com menor proteção para problemas fitossanitários que poderão surgir no início do ciclo cultural, como pedrado, cancro, fogo bacteriano, entre outros. Com o atraso nas podas, no final do mês alguns pomares estavam a ser podados já com as árvores em início de floração, o que poderá ter consequências por não terem sido efetuados tratamentos cúpricos para a proteção dos cortes devido à presença de folhas. Nas pereiras não foram identificados problemas fitossanitários, além da presença do fogo bacteriano, que se mantinha em evolução. Com a subida das temperaturas, nas macieiras registou-se alguma presença de pedrolho e início do surgimento de pulgão lanígero, ambos com baixa intensidade. Nos pomares com muita água no solo, não foi possível a realização de tratamentos em momento oportuno. No final do mês já era possível de forma mais generalizada a aplicação de tratamentos preventivos (fungicidas e inseticidas) nos pomares de prunóideas e de pomóideas.

Nos pomares de limão continuaram a ser aplicados tratamentos preventivos para a bacteriose e para fungos em geral.

No olival, o rápido aumento da temperatura diária, que sucedeu o inverno húmido longo e rigoroso, associado à elevada humidade relativa do ar, favoreceu pontualmente a instalação e a proliferação de

cercosporiose. Embora os olivicultores iniciem nesta altura do ano a sua estratégia fitossanitária de prevenção e controlo destes fungos, recorrendo a substâncias ativas cúpricas, a mesma não se mostrou eficaz. Ainda de forma pontual, mas um pouco dispersa pelo território, verificou-se nas folhas de alguns olivais, galerias e necroses provocadas pelas larvas de traça-da-oliveira, cujas posturas ocorreram no final do outono, devido às condições nessa altura do ano que favoreceram a praga. Historicamente a mesma não causa estragos significativos que comprometam a futura produção, pelo que habitualmente nesta altura do ano não são realizados tratamento fitossanitários contra a praga.

Nas culturas hortícolas de ar livre, devido ao excesso de humidade no solo, houve desenvolvimento de fungos (causadores de mildio e alternariose) e bactérias que causaram podridão e perda de produção.

Nas culturas de hortícolas em estufa, registou-se a presença de oídio no pepino e na courgette, bem como de *Tuta absoluta* no tomate e de afídeos no feijão-verde. Os ataques de doenças e pragas foram de baixa intensidade, tendo-se revelado eficazes os tratamentos realizados. Não foram identificados prejuízos além do normal.

Médio Tejo

Nas searas de cereais praganos instaladas em novembro, nomeadamente de trigo mole e aveia, foram identificados pontualmente focos da doença de oídio. Os tratamentos fitossanitários estão previstos realizar-se no início de abril.

Em alguns olivais tradicionais, verificou-se nas folhas, de forma pontual e um pouco dispersa, a presença de galerias e necroses provocadas pelas larvas de traça-da-oliveira, cujas posturas ocorreram no final do outono, altura em que as condições de tempo foram favoráveis ao seu desenvolvimento. Esta praga não provoca estragos significativos e que comprometam a futura

produção, pelo que os agricultores nesta altura do ano, tradicionalmente, não realizam tratamentos fitossanitários contra a mesma.

Nos citrinos, em especial no limão, verificou-se em algumas áreas de pomares mais expostas à humidade, sinais de podridão nos frutos, com queda e perdas de alguma produção. Após o término da colheita irá iniciar-se a monitorização da traça do limoeiro, face ao expectável surgimento da praga com aumento da temperatura.

Nas amendoeiras, nada de relevante foi ainda identificado no mês de março. Os tratamentos com carácter preventivo têm resultado no controlo de doenças de forma muito eficaz, com especial enfoque da antracnose, doença que levanta muita preocupação junto dos produtores.

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nas vinhas para vinho, a precipitação mais intensa ocorrida em meados do mês criou condições para infeções primárias de mildio, com sintomas visíveis (manchas nas folhas) nas castas mais precoces. Contudo, foi uma situação pontual, pois a maioria das vinhas não tinha desenvolvimento vegetativo suficiente ou já tinha sido tratada preventivamente. Observaram-se também sintomas de escoriose em folhas e pâmpanos, já expectáveis em algumas parcelas por a chuva ter coincidido com estados fenológicos de elevada suscetibilidade. Pontualmente, o encharcamento do solo não permitiu efetuar nenhum tratamento fitossanitário durante o mês de março. Quanto a pragas, o voo da primeira geração da traça da uva iniciou-se no princípio de março, com um aumento substancial de capturas no final do mês. Nas vinhas para uva de mesa, os níveis elevados de humidade e a subida das temperaturas aumentaram o risco de infeções fúngicas, tendo havido alguma dificuldade na realização de tratamentos preventivos contra a escoriose, podridão cinzenta (*Botrytis cinerea*) e mildio. Os tratamentos efetuados revelam-se eficazes.

Nos pomares de pessegueiro foram realizados tratamentos preventivos para a lepra e moniliose, que se revelaram eficazes.

Nos pomares de citrinos, designadamente de laranja, verificou-se a existência de algumas manchas de míldio nas folhas das árvores mais novas e essencialmente nas zonas mais baixas, mas sem grande significado devido aos tratamentos cúpricos realizados no final de janeiro.

Nos olivais, verificou-se o aparecimento de doenças, como olho de pavão (*Spilocaea oleagina*) e algodão (*Euphyllura olivina*). No final do mês foram iniciados tratamentos fitossanitários.

Grande Lisboa

Nesta fase do ciclo agrícola, começam a evidenciar-se desafios fitossanitários relevantes, tornando-se necessária a implementação de medidas preventivas na generalidade das culturas, com particular incidência nas arbóreas e arbustivas. Contudo, em grande parte dos terrenos ainda não foi possível dar-se início a esta prática, uma vez que os solos se encontravam muito encharcados, facto que condiciona a entrada e movimentação de máquinas agrícolas.

Em algumas vinhas de uva para vinho e com o objetivo de controlar a elevada pressão de infestantes, procedeu-se à aplicação de herbicidas, enquanto noutras parcelas se recorreu a métodos mecânicos, nomeadamente ao uso de corta-matos. Apesar de não se terem ainda registado ocorrências de doenças, a maioria dos solos, ainda com níveis elevados de humidade, apresentava condições favoráveis à presença de inóculo de míldio, tornando essencial a adoção de estratégias preventivas para evitar a sua propagação. Nesse sentido, foram realizados os respetivos tratamentos fitossanitários. Paralelamente, efetuaram-se os primeiros tratamentos preventivos dirigidos à escoriose e às doenças do lenho. A escoriose, de origem fúngica, manifesta-se através de manchas negras na base dos pânpanos e fendas nos sarmentos,

sendo particularmente favorecida por primaveras chuvosas. Por sua vez, as doenças do lenho, como a eutipiose e a esca, também de natureza fúngica, provocam um declínio progressivo das videiras e perdas de produtividade em diferentes fases do seu desenvolvimento. Estas podem ser introduzidas através de material de propagação infetado, afetando o crescimento de plantas jovens, ou penetrar em vinhas já instaladas através de feridas de poda.

Na vinha de uva de mesa, as condições meteorológicas registadas nos últimos meses, caracterizadas por elevados teores de humidade no solo e temperaturas amenas, dificultaram a entrada de maquinaria agrícola nas vinhas, condicionando a realização atempada de tratamentos preventivos. Este contexto foi favorável ao aumento do risco de infeção por doenças como a escoriose, *Botrytis* e míldio. Relativamente a pragas, não foram detetadas incidências dignas de registo. Os tratamentos fitossanitários realizados até ao momento demonstraram eficácia no controlo das doenças observadas.

Nas pomóideas foram detetadas presenças pontuais de pedrolho, praga que afeta habitualmente a pereira e a macieira. No entanto, a sua incidência é, até ao momento, reduzida e sem expressão significativa.

Nos limoeiros, as condições meteorológicas deixaram de ser favoráveis ao desenvolvimento do míldio, verificando-se uma redução do risco associado a esta doença. Por outro lado, o aumento das temperaturas promoveu o início do voo da traça do limoeiro (*Prays citri*), assinalando o começo da sua atividade biológica na presente campanha.

No olival, o rápido aumento da temperatura diária, que sucedeu o inverno húmido, rigoroso e prolongado, associado à elevada humidade relativa do ar, favoreceu pontualmente a instalação e proliferação de cercosporiose (*Pseudocercospora cladosporioides*), doença fúngica que afeta as oliveiras, causando manchas cinzentas na face inferior da folha e desfolha, favorecida por alta humidade e temperaturas amenas.

Embora nesta altura do ano os olivicultores iniciem a sua estratégia fitossanitária de prevenção e controlo destes fungos, recorrendo a substâncias ativas cúpricas, a mesma não se mostrou eficaz.

Península de Setúbal

Em geral não se verificaram situações de pragas ou doenças ao longo do mês. No entanto, a humidade elevada e o aumento das temperaturas, condições normais para a época, poderão ser propícias ao desenvolvimento de doenças, nomeadamente mildio, alternariose, sarna na cultura da batata e *Botrytis* em diversas culturas. Eventualmente poderá também ser um ano propício ao desenvolvimento de pragas.

O que diz respeito à vinha, realizaram-se tratamentos preventivos contra doenças do lenho (escoriose) e para o mildio. Foram visualizadas manchas de mildio em situações pontuais. As condições de precipitação poderão favorecer o desenvolvimento de mildio, bem como uma maior suscetibilidade a doenças. Foi também realizada a aplicação de herbicidas.

Nas fruteiras, nomeadamente nas pomóideas, foram realizados tratamentos fitossanitários preventivos e aplicação de herbicidas. Não se verificavam problemas de pragas e doenças. Concretamente no que respeita ao fogo bacteriano, ainda não se verificavam sintomas. O maior problema será a chuva que venha a ocorrer em abril, uma vez que essas condições são propícias à multiplicação da bactéria do fogo bacteriano. De salientar que os produtos utilizados para o combate a esta bactéria têm em geral eficácia reduzida.

No que diz respeito às tangerineiras, verificou-se a presença de afídeos e cochonilha, tendo sido efetuados tratamentos para o seu controlo. Não se verificaram prejuízos relevantes para além do expectável em condições normais de produção.

Também na cultura da batata já havia alguma incidência de mildio, sendo que existem as condições propícias para o seu desenvolvimento.



Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste**, as pastagens de sequeiro, geralmente espontâneas e algumas melhoradas, apresentavam boa disponibilidade de matéria verde para os animais em pastoreio direto, com uma normalização das condições de acesso ao pasto devido à redução dos níveis de água no solo. Com a melhoria das condições meteorológicas e a diminuição da água nos solos ainda se verificaram algumas sementeiras de azevém, apesar de já ser bastante tarde para a instalação da cultura. No entanto, a área de culturas forrageiras na região é bastante menor do que no ano anterior uma vez que muitos produtores não conseguiram instalar a cultura e outros instalaram áreas inferiores ao habitual.

As forragens anuais semeadas em outubro e novembro, de azevém ou consociações, ainda não tinham sido colhidas. As consociações encontravam-se no ponto de colheita, prevendo-se a realização do corte durante o próximo mês, com perspectiva de boa produção por apresentarem bastante quantidade de massa verde. No azevém semeado mais cedo, em outubro, prevê-se a possibilidade de dois cortes, com o primeiro previsto para abril. Nas sementeiras realizadas mais tarde estima-se apenas um corte. Como já referido nos meses anteriores, haverá aproveitamento de forragens de nascimento espontâneo, para fenos, nas áreas instaladas na campanha anterior que permaneceram em restolho.

Alguns produtores instalaram espécies de ciclo curto, adequadas a uma instalação no início da primavera, como erva do sudão.

Prevê-se que a menor disponibilidade de feno e fenossilagem seja compensada com maiores volumes de aprovisionamento de silagem de milho, registando-se a intenção nos produtores pecuários da região, em aumentarem as áreas de produção de milho de forragem para autoconsumo.

No final do mês, em boa parte das explorações as condições de alimentação das espécies pecuárias mantinham-se semelhantes a igual período do ano anterior, com os animais a consumirem ainda reservas de silagem e fenossilagem da campanha anterior. No entanto, registavam-se alguns ajustamentos na gestão dos alimentos naturais armazenados, designadamente maior consumo de silagem de milho e palha picada e redução de fenossilagem. Pontualmente, verificou-se a administração de maior quantidade de ração industrial, embora em quantidade não muito significativa. Os ajustamentos estão a interferir nos custos de alimentação porque o aumento do preço dos combustíveis já se refletia no preço das rações e dos feno, e o preço da palha, em grande parte importada de Espanha, também estava elevado. No setor leiteiro, sem um horizonte de estabilidade dos custos de produção e com a descida do preço do leite aplicada no início do ano nos contratos de fornecimento à indústria, a margem dos produtores ficou muito estreita e alguns poderão mesmo não resistir.

No **Médio Tejo**, com a melhoria das condições meteorológicas e típica fase de primavera, as pastagens e as culturas forrageiras, no geral, demonstraram uma grande evolução no seu desenvolvimento vegetativo. As plantas denotavam um elevado vigor vegetativo e muitas delas já se encontravam na fase reprodutiva, a espigar antes do tempo esperado, tanto nos prados de regadio, como nos de sequeiro.

No que respeita especificamente ao azevém, em março houve oportunidade para se proceder ao corte, encontrando-se no final do mês a decorrer os cortes para fenossilagem.

Relativamente às condições de alimentação das espécies pecuárias, em especial nos bovinos em regime extensivo, durante o mês estiveram essencialmente em pastoreio direto. Apenas alguns animais em fase de criação foram alimentados com alimentos conservados, palhas e fenossilagem.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, em geral, apenas nos últimos dias de março é que as pastagens de sequeiro recuperaram da elevada precipitação e alagamento, encontrando-se no final do mês ainda atrasadas. Em algumas zonas mais baixas as pastagens continuavam ainda muito alagadas e sem acessibilidade para as máquinas agrícolas e para os animais, prevendo-se a possibilidade de pastoreio a partir de abril. Gradualmente foi possível aplicar adubação de cobertura em alguns campos. Nas pastagens de regadio foram realizados os primeiros cortes. Verificou-se má qualidade da matéria verde colhida, que se encontrava suja de lama, principalmente nas zonas mais baixas, sujeitas a um período mais longo de submersão, podendo comprometer o aproveitamento para a alimentação animal.

Nas culturas forrageiras os primeiros cortes foram iniciados no final do mês nas áreas com condições de acesso. No caso do azevém, o momento ideal de corte para uma colheita de qualidade encontrava-se ultrapassado, com as plantas já um pouco secas, o que terá implicações em termos nutricionais e de quantidade. Devido ao atraso da cultura, nesta campanha prevê-se apenas a realização de um único corte em grande parte das áreas, pela necessidade de preparação dos campos para as sementeiras de primavera/verão, designadamente para o milho. As consociações anuais encontravam-se no ponto de colheita e com bom aspeto vegetativo. Muitas ainda não

tinham sido colhidas pela dificuldade de aceder aos campos.

Quanto às condições de alimentação das espécies pecuárias, devido às limitações que ainda se verificaram no acesso ao pastoreio, os bovinos de raça brava de lide mantinham uma alimentação à base de fenos e palhas. Nalgumas explorações de bovinos para carne em regime extensivo, em que os animais ainda não tinham acesso às pastagens, estes mantiveram-se a consumir à mão, fenos e palhas, prevendo-se a introdução do pastoreio em abril. Em algumas explorações de bovinos de leite, mantinham-se os habituais regimes alimentares, havendo ainda boas reservas de silagem e fenossilagem da campanha anterior. Noutras explorações houve necessidade de reduzir a quantidade de alimentos forrageiros devido à redução das reservas alimentares disponíveis, agravadas pela impossibilidade de cortes de forragens nesta campanha, o que poderá ter impacto em termos produtivos. Com a descida do preço do leite e a subida dos custos de produção devido ao aumento dos combustíveis, a produção manifesta alguma apreensão com o futuro do setor.

Na **Grande Lisboa**, o mês foi favorável ao desenvolvimento vegetativo das culturas forrageiras e pastagens, tendo-se verificado uma recuperação significativa do vigor vegetativo após períodos de excesso hídrico. As operações culturais foram, no entanto, condicionadas pelo excesso de água no solo. Em algumas situações, foi possível realizar adubações de cobertura com recurso a equipamentos adaptados a terrenos encharcados, enquanto noutras parcelas essa operação não foi realizada ou foi adiada, prevendo-se a sua execução apenas em abril. Nos casos em que a adubação foi efetuada, observaram-se resultados muito positivos.

Relativamente ao azevém, observou-se um desenvolvimento globalmente positivo, com alturas variando entre 0,9 e 1,2 metros, dependendo das condições edafoclimáticas e das intervenções

agronómicas. Em várias explorações, a cultura encontrava-se em fase de corte para produção de fenossilagem, apresentando bom valor nutritivo, nomeadamente ao nível do teor proteico, prevendo-se uma produtividade semelhante à da campanha anterior. De um modo geral, perspetiva-se a conclusão do primeiro corte de azevém até abril, sendo que, em algumas explorações, está prevista a realização de uma segunda adubação após o corte. Em sistemas consociados, nomeadamente azevém com ervilhaca, o desenvolvimento foi mais heterogéneo, com alturas inferiores (cerca de 70 cm) e ocorrência prévia de problemas de asfixia radicular em zonas mais suscetíveis ao encharcamento. Ainda assim, com a melhoria das condições climáticas, verificou-se recuperação das culturas, apresentando no final do mês bom aspeto vegetativo. Para abril antecipa-se um crescimento acentuado, embora condicionado pelo risco de acama em caso de vento forte.

Adicionalmente, as condições de excesso hídrico registadas em fevereiro tiveram impacto significativo na instalação das culturas, tendo provocado situações de submersão de áreas semeadas e limitado a execução de sementeiras planeadas, como a luzerna de primavera.

Prevê-se que, com a melhoria das condições de campo, seja possível retomar as operações de mobilização do solo, adubação e sementeira durante o mês de abril.

Com a retoma da capacidade produtiva dos prados e pastagens, foi possível o reinício do pastoreio das espécies pecuárias em regime rotacional, embora ainda com necessidade de suplementação alimentar com feno e fenossilagem. Com o pastoreio rotacional pretende-se uma utilização mais eficiente da pastagem, com vista à melhoria e manutenção do coberto vegetal.

Na **Península de Setúbal**, devido à dificuldade na realização de sementeiras de prados e de culturas forrageiras nos meses anteriores, será efetuado o

aproveitamento para pastagem e para corte de tudo o que nascer e se desenvolver espontaneamente.

As consociações semeadas no final de novembro, sujeitas a condições excessivas de encharcamento do solo, apesar da adubação de cobertura deste mês, continuaram com crescimento reduzido, com meio metro de altura, metade do que deveriam apresentar nesta fase.

Relativamente às forrageiras instaladas mais precocemente, que se previa iniciar o primeiro corte para silagem em meados de dezembro/início de janeiro, procedeu-se ao início do corte na última semana de março. Este atraso vai-se refletir na produtividade, uma vez que apenas conseguem efetuar um corte para silagem e eventualmente ainda um corte para feno. A qualidade da silagem cortada aparentemente era boa.

No final do mês, as pastagens apresentavam maior disponibilidade de alimento, o que permitiu um aumento do pastoreio natural de bovinos e ovinos, reduzindo a necessidade de recurso à suplementação.

Relativamente ao aprovisionamento de silagem, fenossilagem e feno, tendo em conta os gastos com a alimentação devido ao pastoreio limitado, as reservas apresentavam-se mais reduzidas, ainda assim, permitiram assegurar um aprovisionamento satisfatório.



Estado vegetativo das culturas cerealíferas de sementeira outono- invernal

No **Oeste**, tal como perspetivado no mês anterior, com a recuperação das condições de circulação nos terrenos alguns produtores ainda semearam trigo mole na primeira metade do mês, mas o contributo da área instalada foi muito reduzido. O trigo semeado no início do mês apresentava boa emergência devido às reservas de água no solo e à precipitação ocorrida depois das sementeiras. No entanto, prevêem-se produtividades

mais baixas nestas searas porque a instalação ocorreu já muito fora do ciclo natural da cultura. As searas de trigo semeadas em outubro e novembro, em terrenos mais elevados e menos afetados pelo excesso de água no solo, apresentavam plantas com cerca de 25 a 30 cm de altura. As adubações e aplicações de herbicidas realizadas no mês anterior e no atual, contribuíram para o bom aspeto vegetativo das searas.

Durante o mês foi instalada cevada. Contudo, as áreas semeadas foram bastante inferiores ao habitual. Com as temperaturas mais elevadas a cevada espiga muito rapidamente, com uma altura reduzida, produzindo menos grão e menos palha.

No **Médio Tejo**, a melhoria das condições meteorológicas em março permitiu a entrada gradual das máquinas nos terrenos e possibilitou, no início do mês, a realização de mais algumas sementeiras (poucas), sobretudo de cevada. Esta cultura em março beneficiou de condições mais favoráveis ao seu desenvolvimento, encontrando-se em bom estado vegetativo, com as plantas já em emergência, com cerca de 7 cm de altura.

As poucas searas de trigo mole e aveia instaladas em novembro e que resistiram às adversidades meteorológicas, encontravam-se recuperadas e em bom estado vegetativo, predominantemente, na fase do início do espigamento.

Prevê-se, de forma geral, uma redução muito significativa das áreas semeadas com cereais praganosos nesta campanha agrícola. Este setor atravessa um momento de grande desalento, face às condições adversas que têm caracterizado a campanha agrícola. São elas, as condições meteorológicas ocorridas nos últimos meses, com destaque para a precipitação intensa e persistente, que impediu a realização atempada das sementeiras e de outras práticas agrícolas, limitando as janelas de oportunidade para um regular calendário agrícola e, conseqüentemente, comprometendo o potencial produtivo destas culturas. Por outro lado, nas culturas

instaladas, o excesso de água no solo e as situações daí resultantes, como o encharcamento e a asfixia radicular das plantas, trouxeram perdas muito significativas e, em muitos casos, a perda total das searas. Esta realidade acentuou de forma significativa a vulnerabilidade económica destas explorações agrícolas, agravada ainda mais pelo aumento dos custos de produção face à conjuntura geopolítica internacional, em especial pela guerra no Médio Oriente. Os preços dos fertilizantes e dos combustíveis, ambos essenciais para a atividade das explorações agrícolas, têm registado aumentos sem precedentes. Esta evolução coloca uma forte pressão sobre os produtores, cujas margens já se encontravam significativamente reduzidas devido aos baixos preços praticados no mercado mundial de cereais.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, as áreas instaladas de culturas cerealíferas eram diminutas, não tendo sido efetuadas mais sementeiras durante o mês. As searas, devido à situação de excesso de água e de asfixia radicular, evidenciavam um fraco desenvolvimento.

Na **Grande Lisboa**, apesar de se terem verificado condições edafoclimáticas mais favoráveis à execução das operações agrícolas, comparativamente aos meses anteriores, a instalação de culturas cerealíferas de outono-inverno foi considerada extemporânea. Tal deveu-se ao facto de já não ser possível cumprir o calendário agronómico recomendado para estas culturas, o que comprometeria o seu normal desenvolvimento vegetativo, com potenciais impactos negativos na qualidade, produtividade final e consequente viabilidade económica.

A instalação da cevada dística prevista para o mês de março foi novamente adiada, agora para abril, por não ter sido possível a realização das operações culturais em condições técnicas adequadas, devido ao estado físico do solo.

Conforme já mencionado em relatórios anteriores, "... a redução da área afeta à sementeira de culturas

cerealíferas encontra-se igualmente condicionada por fatores de natureza económica, designadamente pelos baixos preços pagos à produção, os quais têm vindo a evidenciar uma tendência decrescente. Estes valores revelam-se manifestamente insuficientes para assegurar a cobertura integral dos custos de produção, comprometendo a rentabilidade das explorações. Neste contexto, antecipa-se que a manutenção deste enquadramento económico possa conduzir, a médio prazo, ao abandono progressivo das culturas cerealíferas por parte dos produtores".

Na **Península de Setúbal**, as sementeiras de triticales efetuadas em janeiro foram afetadas por precipitação excessiva, o que condicionou o desenvolvimento da cultura, nomeadamente perdas parciais por apodrecimento, associado ao encharcamento do solo. Assim, durante este mês e logo que as condições o permitiram, procedeu-se ao aumento de área semeada, sendo que a partir do próximo mês já é tarde para semear. No final do mês, notou-se melhoria no estado geral das searas semeadas em janeiro relativamente ao mês anterior, no entanto evidenciavam ainda crescimento fraco e irregular, com cerca de 30 cm de altura. É expectável que em final de abril se inicie o espigamento.

Relativamente ao trigo, a sementeira foi efetuada em meados do mês.

Quanto a outros cereais praganosos de outono-inverno, não se efetuaram novas sementeiras, não estando já prevista a sua realização.



Culturas arbóreas e arbustivas: estado vegetativo; floração; produção de pomares de citrinos quanto aos aspetos de qualidade e quantidade

Vinha

No Oeste, a precipitação frequente e a subida das temperaturas promoveram o abrolhamento das vinhas, observado a partir da segunda semana nas castas mais precoces como a Fernão Pires (uva branca) e a Caladoc (uva tinta), e a partir da terceira semana nas restantes castas. No final do mês as vinhas mais adiantadas já se encontravam no estado fenológico F - Cachos Visíveis, a apresentar uma boa parição, e as mais atrasadas no estado fenológico C - Ponta Verde. É prematuro avaliar se o ano será de elevada produção, pois nem todas as castas permitem já uma avaliação clara do número de cachos. Além disso, existe uma diversidade de fatores que influenciam a produção ao longo do ciclo vegetativo e que poderão interferir na produção final.

A vinha para uva de mesa apresentava um desenvolvimento normal para a época. No final do mês as variedades precoces, como a Sugraone e a ARRA 30 (uvas brancas sem grainhas), encontravam-se no estado fenológico F - Cachos Visíveis e as variedades mais tardias, como Dona Maria, Palieri, Red Globe, e Alfonso Lavallée, entre o estado fenológico B - Gomo de Algodão, e C - Ponta Verde. Em algumas vinhas com variedades mais tardias, estavam ainda a terminar operações de poda e empa, que se atrasaram devido às condições meteorológicas dos meses anteriores.

No Médio Tejo, as vinhas no geral, encontravam-se com um bom vigor vegetativo, com todas as vinhas abrolhadas. No final do mês verificava-se uma evidente heterogeneidade fenológica e diferentes ritmos de desenvolvimento vegetativo, situando-se entre o estado D - Saida das Folhas e o estado G - Cachos Separados, mas com predomínio do estado F - Cachos Visíveis.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, as vinhas para vinho apresentavam uma elevada heterogeneidade fenológica em função das datas de poda, oscilando entre o estado D - Saida das Folhas e o estado G - Cachos Separados, predominando o estado F - Cachos Visíveis.

Nas vinhas para uva de mesa, as variedades mais precoces (Sugraone e ARRA 30) apresentavam-se no estado fenológico F - Cachos Visíveis.

Na Grande Lisboa, na vinha de uva para vinho ao longo do mês verificou-se, de forma generalizada, o abrolhamento, marcando o início do ciclo vegetativo após o repouso invernal. Os gomos incharam e abriram progressivamente em resposta ao aumento das temperaturas. Observou-se um desenvolvimento vegetativo rápido e relativamente homogéneo na região, particularmente nas castas brancas, que evoluíram dos estados fenológicos E - Folhas Livres para F - Cachos Visíveis e, em alguns casos, G - Cachos Separados, beneficiando das temperaturas amenas e da elevada disponibilidade hídrica no solo. Nas castas tintas, o início do ciclo vegetativo também ocorreu durante este período, apresentando estados fenológicos variáveis entre B - Gomo de Algodão e E - Folhas Livres, em função da precocidade das castas. Durante o mês, foram concluídas as operações de poda e decorreu a empa das vinhas, com o objetivo de orientar o crescimento vegetativo e promover um equilíbrio adequado das videiras, assegurando uma boa distribuição da seiva.

Nas videiras de uva de mesa, as variedades mais precoces, como Sugraone e ARRA 30, encontravam-se no estado fenológico F - Cachos Visíveis, evidenciando o início do desenvolvimento das inflorescências.

Na Península de Setúbal, no final do mês havia vinhas que ainda não tinham sido podadas e algumas que notoriamente não vão ser podadas, o que pode estar relacionado com o abandono da cultura.

Os preços dos fatores de produção, nomeadamente os custos com combustíveis, adubos e outros encargos dispararam e o preço da uva paga ao produtor tem-se mantido. Há expectativa de que a situação na próxima campanha não seja mais aliciante para o produtor, que desse modo não consegue fazer face aos custos de produção. Por outro lado, estes aumentos levam a que os produtores reduzam nos produtos a aplicar, o que poderá levar a consequências na produção e na qualidade do vinho produzido.

No final do mês o desenvolvimento das vinhas estava mais adiantado que no ano anterior e era relativamente homogéneo. As castas mais adiantadas, nomeadamente a Fernão Pires, estavam em geral no estado fenológico F - Cachos Visíveis e as mais atrasadas, nomeadamente a Moscatel, em geral com 2 a 3 folhas, no estado E - Folhas Livres. A amostra de cachos parece ser de acordo com um ano normal, sendo que ainda é muito cedo para perspetivar relativamente à produção.

Pomóideas

No Oeste, as pomóideas em geral apresentavam uma antecipação do ciclo cultural de cerca de uma semana e meia face a um ano normal e de quase três semanas comparativamente ao ano anterior. Os pomares de pera Rocha encontravam-se em plena floração no final do mês. Devido ao número de horas de frio invernal mais elevado do que no ano anterior e à precipitação nos meses de inverno, a floração este ano foi marcada por uma grande homogeneidade dos pomares, tendo-se verificado mais concentrada e decorrido num período mais curto do que nos anos precedentes. Dada a forte suscetibilidade dos pomares a infeções durante a floração, a verificação de um período mais curto diminui o tempo de exposição elevada ao risco de infeções como o fogo bacteriano e a estenfiliose, melhorando a expectativa da produção. O excesso de água a que os pomares ficaram expostos durante um período longo, poderá interferir na qualidade das flores e consequentemente na taxa de vingamento de frutos.

Apesar de se observar uma boa produção de flores, no final do mês ainda não era possível avaliar o nível de vingamento. Nos pomares de macieiras, as cultivares das variedades Gala, Reineta, Fuji e Candine, apresentavam-se no início da floração. Nas Reinetas e nas Fuji a floração encontrava-se mais adiantada, com maior percentagem de flores abertas. Nas Gala registava-se alguma heterogeneidade na floração.

Na Grande Lisboa, as temperaturas diurnas elevadas registadas favoreceram uma antecipação das fases fenológicas de floração nas pomóideas em geral. Verificou-se que no final do mês a variedade Pereira Rocha se encontrava entre os estados fenológicos E - Botão Rosado/Botão Visível e F - Floração. A Macieira Gala situava-se entre os estados D - Botão Verde Avançado/Botão Visível e E - Botão Rosado.

Na Península de Setúbal, os pomares em geral estavam mais adiantados que no ano passado e verificou-se o desenvolvimento mais uniforme. As pereiras encontravam-se no final do mês entre a plena floração e o vingamento do fruto. As macieiras, mais atrasadas, entre o início de floração e a plena floração.

Prunoideas

No Oeste, os pomares de ameixa das variedades mais precoces apresentavam frutos em desenvolvimento e as mais tardias encontravam-se na fase de vingamento. Algumas variedades precoces de ameixa vingaram mal devido à precipitação e às temperaturas baixas verificadas a meio do mês. Os pomares de damascos e alperces encontravam-se com frutos em desenvolvimento e com pouca quantidade de frutos. Tal como nas ameixeiras, a precipitação e as temperaturas baixas ocorridas a meio do mês, foram prejudiciais ao vingamento. Nos pomares de pêsego e de nectarinas a floração foi abundante. No final do mês, e de acordo com as variedades, os pomares encontravam-se nas fases de queda das pétalas e de fruto vingado. Embora ainda não

fosse possível avaliar a taxa de vingamento, estima-se que venha a ser boa se as temperaturas se mantiverem propícias.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, os pomares de pessegueiros encontravam-se entre os estados fenológicos G - Queda das Pétalas e H - Fruto Vingado.

Na Grande Lisboa, a floração das ameixeiras decorreu durante todo o mês, verificando-se a queda das pétalas no final do mesmo.

Na Península de Setúbal, a maioria das variedades de ameixeiras encontrava-se com os frutos em desenvolvimento. O mês de abril será determinante - as condições que se verificarem serão decisivas. A intensidade de monda fisiológica condicionará o vingamento dos frutos e conseqüentemente a produção. Assim, só em meados/finais de abril poderá haver perspectivas relativamente à produção expectável.

Figueiras

Na Grande Lisboa, nos pomares de figueiras ao longo do mês ocorreu o desenvolvimento acelerado dos figos formados no final do verão anterior (figos lampos), que passaram o inverno em estado de dormência e retomaram o seu crescimento com o aumento das temperaturas.

Citrios

No Oeste, os pomares de limão que ficaram mais expostos à passagem da tempestade Kristin ainda estavam a recuperar dos danos causados. As árvores que registaram queda massiva de folhas, não estavam a evidenciar regeneração. Nas menos afetadas registou-se desenvolvimento de botões florais para floração em abril, e crescimento de gomos foliares, verificando-se um ligeiro atraso no desenvolvimento do novo ciclo

vegetativo, causado pelo vento e pelas temperaturas noturnas baixas. Os pomares também apresentavam frutos em desenvolvimento e alguma quantidade de frutos prontos a colher. Durante o mês foram realizadas colheitas. Os frutos colhidos apresentavam boa qualidade, designadamente no calibre. Apesar do consumo de limão ser menor e os preços mais baixos neste período do ano, houve boa quantidade de limão disponível no mercado. A colheita dos frutos maduros é importante porque tem influência na produção seguinte, permitindo à planta concentrar os seus recursos na nova produção. No entanto, devido ao preço baixo, alguns produtores estavam a manter a produção no pomar, a aguardar por melhor valorização comercial. Durante o mês continuaram a ser realizadas adubações foliares para estimular novos desenvolvimentos vegetativos e floração de primavera.

No Médio Tejo, os pomares de citrinos, nomeadamente de limão, encontravam-se com a colheita a terminar, tendo a mesma decorrido ao longo do mês com normalidade. Em termos de qualidade, os frutos colhidos denotaram calibres mais baixos comparativamente a período igual de colheita da campanha precedente. Em termos de quantidade, verificou-se contrariamente ao expectável, uma variação da produtividade ligeiramente inferior à verificada na campanha precedente.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, em algumas zonas os pomares de laranja (variedades Dalmau e Newhall) ainda evidenciavam árvores com folhas amarelecidas devido ao excesso de água nos meses anteriores. Com a melhoria do estado do tempo e com fertilização aplicada durante o mês, os pomares foram recuperando o desenvolvimento vegetativo. Verificou-se o desenvolvimento de nova rebentação foliar e de botões florais, em quantidade razoável. O início da floração dos citrinos, encontrava-se adiantado duas semanas comparativamente a anos anteriores. Estima-se uma boa produção para a próxima campanha, caso não ocorram situações adversas.

Na Grande Lisboa, nos pomares de limoeiro manteve-se a operação de colheita ao longo do mês, sem alterações significativas no seu ritmo.

Na Península de Setúbal, os limoeiros encontravam-se em fase de início de floração a floração avançada, prevendo-se o início da colheita a partir de julho/agosto.

Os pomares de tangerineiras encontravam-se em plena floração, dentro do normal para a época. O estado geral era bom, com árvores equilibradas, sem sintomas generalizados de *stress*. As plantações mais jovens apresentavam desenvolvimento adequado à sua idade, enquanto as mais adultas mantinham uma estrutura vegetativa estável. As colheitas, que se tinham iniciado em fevereiro, decorreram ao longo de todo o mês de março e espera-se que terminem no início de abril. A produção apresentou boa qualidade comercial, coloração uniforme e bons teores de *brix* e acidez. A quantidade colhida foi bastante mais baixa do que o expectável, devido às condições adversas de precipitação e vento que ocorreram em janeiro e fevereiro.

Olival

No Oeste, durante o mês verificou-se de forma homogénea e por toda a região, a diferenciação dos gomos axilares e a formação das inflorescências, favorecidas pelas temperaturas amenas, pelos dias com mais luz e pela disponibilidade hídrica do solo. Na última semana do mês verificou-se a queda fisiológica das folhas, processo natural de abscisão das folhas velhas, danificadas ou desnecessárias para a sua sobrevivência, que promoveu a economia de nutrientes, o reequilíbrio hormonal e a sanidade das oliveiras.

No Médio Tejo, os olivais tradicionais encontravam-se de forma homogénea nas fases de diferenciação dos gomos axilares e de formação das inflorescências, favorecidas pelas temperaturas amenas e disponibilidade hídrica do solo.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, os olivais encontravam-se em início de floração, sem diferença entre as variedades mais precoces e as mais tardias.

Na Grande Lisboa, durante o mês verificou-se de forma homogénea e por toda a região, a diferenciação dos gomos axilares e formação das inflorescências, favorecidas pelas temperaturas amenas e disponibilidade hídrica do solo. Na última semana do mês verificou-se a queda fisiológica das folhas, processo natural de abscisão das folhas velhas, danificadas ou desnecessárias, que promoveu a economia de nutrientes, o reequilíbrio hormonal e a sanidade das oliveiras, nesta época do ano em que se começam a enfrentar desafios fitossanitários significativos.

Amendoal

No Médio Tejo, nos pomares de amendoeiras encontravam-se decorridas as fases da floração e da queda das pétalas, estando no final do mês a iniciar-se o vingamento dos frutos (já observáveis as formações das pequenas pepitas).

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, os pomares de amendoeiras apresentavam-se em desenvolvimento foliar e em início do vingamento dos frutos.

Na Península de Setúbal, o amendoal encontrava-se na fase de fruto vingado. Parece haver mais quantidade do que no ano passado e frutos mais homogéneos.



Produção de azeite: funcionamento dos lagares; qualidade do azeite e funda

No Oeste, como referido nos meses anteriores, a maioria dos lagares da região funcionaram entre o fim de setembro e o início de dezembro, acompanhando o período da colheita de azeitona. Verificou-se uma diminuição da qualidade do azeite produzido com o avançar da colheita devido a problemas fitossanitários na azeitona associados ao aumento dos níveis de

humidade. Mas o registo da campanha foi de produção de azeites de elevada qualidade e praticamente toda a colheita produziu azeite virgem extra. Em termos médios a funda (litros de azeite obtidos por 100 kg de azeitona) oscilou entre 13% e 14%.

No que respeita ao **Médio Tejo**, transcreve-se o já referido no relatório anterior: *“No Médio Tejo a maioria dos lagares terminou a sua atividade de extração de azeites, finalizando a sua campanha de laboração com a limpeza geral e manutenção de todas as áreas e equipamentos afetos a esta atividade. A campanha de 2025/2026 na região, em termos quantitativos foi significativamente superior à do ano anterior, com uma produtividade média de azeitona mais elevada especialmente nos olivais tradicionais e/ou centenários que caracterizam a região, sendo os principais responsáveis por esse aumento. Os novos olivais tradicionais de sequeiro com maior densidade de oliveiras, também registaram um aumento de produtividade, embora não tão expressivo. O rendimento em azeite ao longo da campanha foi variável. Numa fase inicial verificou-se um valor mais baixo devido às altas temperaturas e pouca precipitação, com uma evolução positiva até ao final da campanha, devido à descida da temperatura. O rendimento médio em azeite posicionou-se entre os 11% e 12%. De uma forma geral, foi um ano de elevada qualidade de azeite, com a produção de muitos azeites classificados como virgem extra. Nos olivais intensivos de regadio a produtividade média de azeitona verificou-se ligeiramente inferior à do ano anterior, mas acima do previsto inicialmente, contribuindo o facto da azeitona ter mantido boas condições fitossanitárias até mais tarde do que o habitual e ter assim permitido uma quantidade mais elevada de azeitona transformada. No entanto, é estimada uma maior quantidade de azeite comparativamente à campanha anterior pelo maior rendimento médio de azeitona em azeite, que rondou os 14%. A qualidade do azeite foi muito boa. A produção de azeite na região resultou assim superior ao ano precedente, contribuindo para essa superioridade a*

quantidade de azeitona colhida em especial nos olivais tradicionais que mais caracterizam a região.”

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, tal como referido nos meses anteriores, o funcionamento dos lagares encontrava-se terminado. Verificou-se uma diminuição da qualidade do azeite no decorrer da campanha, mas em geral foi um bom ano de produção, de qualidade muito superior à da última campanha, com a maior parte dos azeites com classificação virgem extra. A funda rondou os 14%, verificando-se uma maior produção de azeite relativamente à campanha anterior.

Na **Grande Lisboa**, nada mais há a acrescentar ao referido no relatório anterior: *“... a apanha da azeitona deu-se por concluída em outubro. Finalizada a campanha de produção de azeite ainda em 2025, os lagares entraram num período intenso de trabalhos de limpeza, manutenção e preparação para a campanha seguinte, de forma a garantir a higiene alimentar e assegurar que os equipamentos funcionem corretamente. A qualidade do azeite foi de um modo geral aceitável, sendo que a azeitona colhida antes das primeiras chuvas outonais deu melhores azeites, com melhores características organoléticas, que a colhida no final da campanha. Não obstante, foi possível obter azeites de elevada qualidade, particularmente nos lotes provenientes de colheitas precoces e de olivais com adequado controlo fitossanitário. Relativamente ao rendimento da azeitona, registaram-se valores muito próximos dos obtidos no ano anterior, apesar do interregno de três a quatro semanas no processo de maturação dos frutos, devido às elevadas temperaturas que se fizeram sentir entre junho e agosto, face a um ano dito normal. Feito o cálculo da funda do azeite, constata-se que o valor médio foi de 15,5%, ligeiramente acima do da campanha anterior.”*

Na **Península de Setúbal** mantém-se o referido no relatório de novembro: *“A colheita da azeitona para azeite, que se tinha iniciado na segunda quinzena de*

outubro, terminou no final deste mês. A qualidade do fruto colhido foi, em geral, muito boa, sem incidências de mosca da azeitona. Após a ocorrência de precipitação verificou-se alguma presença de gafa, mas pouco significativa. A produtividade e rendimento foram superiores à campanha anterior, bem como a qualidade do azeite produzido. O rendimento na extração para azeite registou valores de 12% e 13% no início da campanha e de 9% no final, devido ao efeito da precipitação na qualidade da azeitona colhida.”



Plantação de batata (sequeiro e regadio): como decorreu, variação das áreas plantadas relativamente ao ano anterior, motivo das variações verificadas; estado da cultura

No **Oeste**, as plantações de batata destinada à produção de sequeiro, instaladas até novembro eram muito reduzidas. Em consequência da saturação hídrica dos solos, as plantações foram interrompidas, tendo sido retomadas principalmente a partir de meados do mês, estimando-se uma redução acentuada da área habitual da cultura.

Pelos mesmos motivos, também se verificou um atraso nas plantações em sistema de regadio. Nos solos mais pesados e ainda com muita humidade, até ao final do mês não tinha sido possível iniciar a preparação das terras e a instalação da cultura. Nos solos de areias, mais leves, deu-se início às plantações, com maior intensidade a partir da segunda semana, e no final do mês encontravam-se adiantadas. Também no sistema de regadio se prevê a instalação de menos área do que habitualmente, embora menos acentuada do que no sistema de sequeiro.

Em ambos os sistemas, a redução das áreas deve-se ao atraso nas plantações, o que em sequeiro acentua os riscos da cultura que se encontra sujeita à precipitação na primavera, e ao facto de a campanha anterior ter sido marcada por produtividades e preços baixos devido à

concorrência de produto importado dos principais países produtores que tiveram um ano de superprodução (Bélgica, França, Holanda e Alemanha).

Os preços baixos associados a uma conta de cultura elevada como a da batata, podem causar prejuízos significativos para os produtores.

No **Médio Tejo**, as culturas de batata quer para consumo em fresco quer para a indústria, em 2026 deixaram de ter representatividade na região. Os poucos produtores de batata que foram acompanhados nos anos anteriores, não instalaram a cultura na atual campanha. Os preços apresentados pela indústria no processo de contratualização foram considerados insuficientes pelos produtores da região, por não permitirem a cobertura dos custos de produção. Esta situação tem levado a um crescente desinteresse na continuidade da cultura da batata para indústria na região.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, com a melhoria das condições do tempo e com o acesso à maior parte dos terrenos, durante o mês a plantação de batata para indústria decorria a bom ritmo, verificando-se já muita área instalada. As plantações mais adiantadas encontravam-se a emergir bem, sem falhas, tendo sido já realizadas adubações de cobertura e aplicação de herbicida. Verificava-se algum atraso nas plantações face às campanhas precedentes, o que poderá não ser crítico por se verificar uma contratação de menos área por parte da indústria nesta campanha. Relativamente à batata de consumo, as plantações iniciaram-se em março e decorriam a bom ritmo, encontrando-se as mais adiantadas em fase de emergência. Estima-se também uma redução de área devido ao ano anterior ter sido de produtividade e preços baixos, desincentivando os produtores para a realização da cultura que se encontra muito exposta a concorrência dos principais países produtores (Bélgica, França, Holanda e Alemanha) que no ano anterior tiveram uma superprodução.

Na **Península de Setúbal**, no que respeita à cultura da batata estival, no final do mês a colheita ficou praticamente terminada. A produtividade foi reduzida, em consequência das condições climatéricas, que provocaram elevado desperdício, devido à presença de batata destapada pela ação das chuvas intensas e do vento, bem como batata verde por permanecer fora do solo, resultando em perda de qualidade e sem condições para comercialização.

As novas sementeiras de batata, inicialmente previstas para o final de dezembro, tiveram início apenas em janeiro, e em pequena escala, devido ao encharcamento dos solos e à impossibilidade de entrada das máquinas agrícolas. Em consequência das condições de precipitação, parte da sementeira realizada em janeiro perdeu-se por apodrecimento. Durante este mês, as sementeiras prosseguiram, prevendo-se que em abril já não sejam realizadas novas sementeiras. Face a estes condicionalismos, prevê-se que a área semeada seja inferior à da campanha anterior. No final de março, e de acordo com as diferentes datas de sementeira, observava-se batata em fase de emergência e outras plantas já com maior desenvolvimento. A colheita está prevista para o período entre junho e agosto.

7 de abril de 2026

DADOS METEOROLÓGICOS

Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Instituto Geofísico	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Valdonas	Alvega
Temperatura máxima (°C)	26,2	22,8	27,4	25,1	b)	26,8	27,5	27,7	28,4	27,8
Dia	31	16	31	31	b)	31	31	31	31	31
Valor médio da temperatura máxima (°C)	19,3	16,7	19,2	19,5	b)	20,1	20,5	20,9	20,8	20,8
Temperatura máxima normal para a época (°C)	18,5	—	18,0	18,9	19,5	19,8	19,6	20,2	—	20,3
Temperatura mínima (°C)	2,9	2,9	4,3	8,6	c)	4,0	5,8	1,4	1,6	1,9
Dia	1	30	1	6 e 10	c)	1	1	1	1	8
Valor médio da temperatura mínima (°C)	8,1	7,9	8,5	11,5	c)	8,5	9,4	7,3	7,3	6,4
Temperatura mínima normal para a época (°C)	6,8	—	7,9	11,0	7,6	7,7	8,6	6,0	—	5,1
Temperatura média normal para a época (°C)	12,7	—	13,0	14,9	13,6	13,7	14,1	13,1	—	12,7
Horas de frio	604	380	408	222	405	581	367	698	785	889
Rajada máxima de vento (Km/h)	61,2	73,4 ^{a)}	76,3	72,4	d)	53,6	61,2	59,0 ^{g)}	54,7 ^{h)}	52,6 ⁱ⁾
Dia	6	6	6	6	d)	6	5 e 6	5	6	9
Número de dias com precipitação	13	10 ^{a)}	15	11	8	f)	12	12 ^{g)}	10 ^{h)}	7 ⁱ⁾
Precipitação acumulada no mês (mm)	64,2	41,9 ^{a)}	73,1	50,6	19,5	f)	63,6	46,5 ^{g)}	39,2 ^{h)}	30,2 ⁱ⁾
Precipitação normal para a época (mm)	74,1	—	60,9	68,7	67,6	59,0	55,6	53,9	—	66,3
Precipitação diária máxima no mês (mm)	16,9	10,9 ^{a)}	25,8	20,1	8,4	f)	21,5	26,6 ^{g)}	19,3	14,1
Dia	19	19	19	19	2	f)	19	19	19	19
Humidade relativa diária mínima (%)	21	29 ^{a)}	23	21	e)	28	22	18	20 ^{h)}	18 ⁱ⁾
Humidade relativa diária máxima (%)	96	100 ^{a)}	99	100	e)	100	98	100	100	100

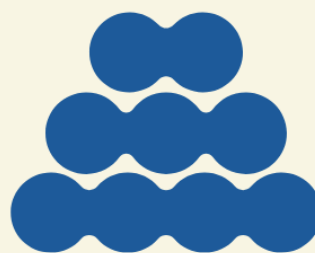
Notas:

Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1991-2020 da respetiva estação.

- a) Falha de dados no dia 3.
- b) Falha de dados entre os dias 17 e 23.
- c) Falha de dados entre os dias 18 e 24.
- d) Falha de dados no dia 3 e entre os dias 17 e 21.
- e) Falha de dados no dia 3 e entre os dias 17 e 24.
- f) Falha de dados nos dias 2 e 31.
- g) Falha de dados nos dias 3 e 7.
- h) Falha de dados no dia 3.
- i) Falha de dados nos dias 3 e 14.

– Sem dados

Número de horas de frio: total de horas com temperaturas inferiores a 7,2°C acumulado, observado nas estações meteorológicas, desde 01 de outubro até 30 de abril (para fruteiras em Portugal Continental), atualizado diariamente até às 10h:30 UTC.



CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.
RUA ALEXANDRE HERCULANO, N°37
1250-009 LISBOA

TEL.: +351 213 837 100 GERAL@CCDR-LVT.PT WWW.CCDR-LVT.PT